

LUIS-PHILIPPE PEREIRA LEITE: MEMÓRIA CENTENÁRIA EM TRILOGIA CACERENSE

Olga Maria Castrillon-Mendes

(Professora do Curso de Letras, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL e do PROFLETRAS - Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. Membro da AML e ao IHG Municipal de Cáceres. E-mail: olgmar007@hotmail.com)

Bicentenário da cidade de Cáceres-MT, 1978



Fonte: Acervo Biblioteca Natalino Ferreira Mendes. Cáceres-MT.

A imagem acima é do ano do bicentenário da cidade de Cáceres-MT, cujas comemorações legaram abundantes pesquisas e publicações sobre o patrimônio histórico e cultural da cidade, dentre as quais, a correspondência de Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres (1772-1789), dirigida ao Secretário de Estado do Reino Martinho de Mello e Castro, através do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional NDHIR/UFMT (1978), e a obra *Contribuição para uma sociologia da biografia*, por Gilberto Freyre (1978). Uma Exposição foi organizada, tendo o IHGMT ofertado valiosas peças históricas, tais como os retratos dos primeiros

proprietários da Jacobina e do primeiro médico mato-grossense Pedro Nolasco Pereira Leite, hoje depositadas no Museu Histórico Municipal. A placa com os dizeres “À formosa cidade de Cáceres, no glorioso bicentenário da sua fundação, homenagem do IHGC – 1778 – seis de outubro – 1978” representa a fecunda relação entre as cidades, num período político em que se efetivava a divisão do estado, permanecendo Cáceres na porção territorial *tradicional* de Mato Grosso, “de cujo progresso é hoje um dos baluartes mais sólidos”. É nítida a intenção do escritor em conclamar “a inteligência dos seus administradores e dos seus homens públicos” (LEITE, 1978, p. 142-143, grifo meu) para os cuidados com o patrimônio material e imaterial resguardado em seus domínios, face à iminência da nova cartografia regional, advinda do novo cenário político-administrativo e a almejada pavimentação asfáltica da BR 364. Assim, Cáceres se solidificava, dentro dos preceitos da Ata de fundação, como um lugar em que os caminhos se encontram: o rio, a estrada e a povoação.

Ano do nascimento de N. S. Jesus Cristo de 1778, aos seis dias do mês de outubro do dito ano, neste distrito do *rio* Paraguai e margem oriental dele, no lugar onde presentemente se dirige a *estrada* que se seguia a Cuiabá desde Vila Bela [...] para com efeito fundar, erigir e consolidar uma *povoação* civilizada, aonde se congregasse todo o maior número de moradores possíveis [...]; cuja povoação, segundo as ordens do dito governador, se denominará de hoje em diante, em obséquio do real nome de Sua Majestade – Vila Maria do Paraguai, esperando-se que de semelhante estabelecimento haja de resultar grande utilidade ao real serviço e comodidade pública (MENDES, 2009, p. 27-29, grifos meus).

Verticalizava-se a sua vocação de cidade fronteiriça, porta de passagem e caminho da navegação fluvial, com alternativas de transporte para o escoamento da produção, o que a levaria a célere desenvolvimento. No entanto, com a mudança da capital de Vila Bela para Cuiabá ficou entregue aos próprios recursos até que outros fatores surgiram, como está atestado no decurso da sua história, sempre buscando lugar de destaque no cenário do Estado.

Retomando a foto, simbólica na tríade preconizada pelo fundador, encontram-se, ao centro, o ex-Prefeito da cidade, José Rodrigues Fontes¹⁷, ladeado pelo Juiz de Menor

¹⁷ José Rodrigues Fontes foi prefeito de Cáceres por três gestões: de 1947 a 1951; de 1955 a 1959 e de 1963 a 1967 (cf. MENDES, 2009).

Luis dos Santos Garcia (à sua direita)¹⁸ e o historiador mato-grossense Luis-Philippe Pereira Leite (1916-1999), à esquerda, de óculos escuros.

Sempre ligado à cidade, Luis-Philippe esteve em Cáceres por algumas vezes, movido pelo trabalho: em 1950, no desempenho das funções de Procurador do Tribunal de Justiça de Mato Grosso e em 1972, no governo de Luiz Marques Ambrósio (1971-1973), para colocação do busto de Luiz de Albuquerque, na Praça Major João Carlos, em frente ao Hospital São Luiz, atividade planejada para a efeméride. A visita de 1975 legou-lhe resultados mais fecundos, como os que foram impressos nas obras aqui elencadas quando, pela primeira vez, pisou, emocionado, o pátio da Jacobina, lembrando-se de mais de um século atrás quando

precisamente naquele dia, um antepassado ali nascido, o tio bisavô Pedro Nolasco entregava a sua tese de doutoramento à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, da qual possui histórico exemplar, e que foi defendida perante a mesma doutra congregação em 31 de março de 1860 tornando-o o primeiro mato-grossense a doutorar-se em Medicina. Esta vida gloriosa e efêmera vai merecer de nossa parte um volume especial, como parte integrante das comemorações do bicentenário (LEITE, 1976, p. 60).

A escrita é resultado de um apelo da memória impressa desde a infância, quando ouvia dos pais as histórias da terra natal. Impulso este semelhante ao do Visconde de Taunay ao escrever *A cidade do ouro e das ruínas*, em 1891¹⁹, cuja personagem é o tio, artista da Expedição Langsdorff (1825-1829) que pereceu nas águas revoltas do rio Guaporé. Também ele foi mobilizado pelas lembranças familiares e criou, sem nunca ter estado em Vila Bela, um texto híbrido em que a memória e a história entram na composição narrativa de forma a construir uma imagem que é, ao mesmo tempo, sentimento e tradição reconstruída.

Há, evidentemente, diferenças entre os textos, mas o que nos interessa observar é a forma como o drama individual mostra as diversas nuances do estilo do autor. Ao referir-se às pessoas, criando *cenar* familiares, Luis-Philippe apresenta o campo de composição textual que, como fala Wolfgang Kayser, aproxima o acontecimento do leitor que toma contato com a realidade poética, pois é uma questão de estilo “saber até

¹⁸ Agradeço ao confrade Pedro Paulo Pinto de Arruda Filho, do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC, à época, Vereador e Presidente da Câmara Municipal de Cáceres, a informação sobre a foto.

¹⁹ Em 2001 o IHGMT faz circular o texto numa publicação avulsa (nº. 21), com prefácio de Odilon Nogueira Matos.

que ponto o próprio autor cuidou duma tonalidade comum dentro dos discursos diretos das suas personagens” (KAYSER, 1985, p. 193). Desta forma, o escritor pode desvendar os estratos de significados e valores humanos que lhes são caros.

No momento em que Luis-Philippe aparece na imagem acima colocada, isto é, em 1978, está profundamente tomado pelas ocorrências que impulsionaram suas pesquisas. Por isso, ao participar diretamente das atividades alusivas ao ano bicentenário de Cáceres une as duas pontas da memória histórica da cidade, reconhecendo a força dos elementos que compõem o quadro épico.

A foto, portanto, apresenta o forte motivo que marca este artigo, ou seja, a simbologia das comemorações: do monumento de mármore branco (descrito por Hercules Florence, quando o avistou, pela primeira vez, como uma “pirâmide quadrangular perdida na embocadura do rio Jauru por trás de árvores que a ocultam das vistas”) (FLORENCE, 1977, p. 207) e das comemorações do Centenário de nascimento de Luis-Philippe Pereira Leite, neste ano de 2016.

Meu desejo é revificar a relação entre os dois “lugares de memória” (NORA, 1984) com a emblemática personagem mato-grossense, marcando a minha homenagem ao intelectual empenhado nas questões histórico-culturais de/sobre Mato Grosso. Além de ter legado um farto material bibliográfico tinha, pela cidade de Cáceres, a mais profunda simpatia. Nela encontrou suas raízes, na Fazenda Jacobina, e o sepulcro dos ancestrais, onde jazem oito deles no Cemitério São João Batista que está a merecer cuidados por parte do Poder Público.

Sobre a Jacobina, deixou vários escritos, muitos deles complementados em longas conversas com o confrade-amigo-cacerense do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras, Natalino Ferreira Mendes. Revisitando o conjunto de sua obra, foi possível reler, pelas dedicatórias, o carinho que ambos nutriam pelas mesmas fontes de conhecimento histórico. Lembro-me de tê-lo visitado uma única vez, já aposentado do cartório que mantinha na Travessa João Dias, em Cuiabá, num especial momento das primeiras pesquisas que eu empreendia sobre os escritores mato-grossenses. Uma figura admirável pelo porte e pela cultura. A deficiência visual tornava-o mais sensível e, naquele tempo, já se ressentia do descaso das autoridades para com o patrimônio histórico das cidades mato-grossenses.

As relações de Luis-Philippe com o Marco do Jauru e a Fazenda Jacobina remontam a várias de suas publicações das quais vamos nos ater àquelas por ele mesmo

designadas de “Trilogia Cacerense”²⁰: *O engenho da estrada real* (1976); *Vila Maria dos meus maiores* (1978) e *O médico da Jacobina* (1978). Desconheço, até o momento, outro empenho externo em tamanha pesquisa histórica e cultural sobre a cidade. Somada a outras publicações que compõe o conjunto da obra do escritor, Cáceres é o núcleo germinador de aspectos culturais singulares na abrangente história nacional e internacional.

O Engenho da Estrada Real é a história colonial da Jacobina, célula *mater* do povoado fundado por Albuquerque. Atualiza-se pela genealogia dos fundadores de Vila Maria (Cáceres), particularmente dos Pereira Leite, convocando os leitores ao retorno à tradição, à doação dos arquivos da família e à participação nas comemorações do bicentenário da cidade. Com essa obra, Luis-Philippe abre “uma série de estudos monográficos em que a terra e o homem são estudados para serem compreendidos num grande painel que é o painel histórico do vasto espaço ocidental do nosso Estado”, como prefacia Gervásio Leite (p. 6). Dessa família sairá o primeiro doutor em Medicina, Pedro Nolasco Pereira Leite, sobre o qual Luis-Philippe dedica o terceiro volume da trilogia²¹.

Em *Vila Maria dos meus maiores*, reforça a tese dos Pereira Leite presentes na fundação de Cáceres e na construção da riqueza da Fazenda Jacobina, num esforço de complementação da genealogia a partir de Leonardo Soares de Souza, seu primeiro proprietário. Fazendo intertextos com a narrativa de Hercules Florence, traduzida pelo Visconde de Taunay²², Luis-Philippe traça com maiores detalhes o percurso da fundação de Cáceres como entreposto entre Cuiabá e a primeira capital, Vila Bela. Chama atenção o rico acervo de telas doadas pelo autor ao Museu de Cáceres e dedica capítulo especial à figura de João Carlos Pereira Leite, o neto de Leonardo Soares Souza.

Por último, para os propósitos deste texto, *O médico da Jacobina* coroa os objetivos do pesquisador com a rica biografia daquele que ele considerou uma das mais eminentes figuras da arte e da ciência em Mato Grosso. O décimo filho de João Pereira Leite (genro de Leonardo Souza e Dona Anna) viveu a intensidade dos artistas, pois faleceu muito jovem, aos 27 anos. Como a efêmera vida de Adrien-Taunay (1803-

²⁰ Cf. *Vilas e fronteiras coloniais*, p. 138.

²¹ Cf. Revista do IHGMT, 1926, p. 92 a 121, gentilmente a mim cedida pela confreira da AML, historiadora Elisabeth Madureira Siqueira. Luis-Philippe, com apoio do filho de Mesquita, Gui de Mesquita, faz a atualização dos dados para presentear a cidade de Cáceres no seu bicentenário, em 06/10/1978 (cf. LEITE, 1976, p. 24).

²² Cf. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas*, 1977.

1828), dedicou-se ao desenho de paisagem e motivos florais a bico de pena, e deixou importante estudo de História Natural. Formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, sua biografia é fruto de fecundas e demoradas pesquisas do autor entre correspondências e arquivos, toda ela minuciosamente descrita no livro. Com ajuda da UFMT consegue a recuperação dos originais e a datilografia dos três cadernos de pesquisa do médico (cerca de 200 páginas), reconstituindo o que lhe foi possível para compor esta obra. Além das apostilas recuperadas, o livro traz a tese de doutoramento, contendo capítulos sobre ciências cirúrgicas, patologia externa, tétanos traumáticos, etiologia, sintomatologia, anatomia patológica, entre outras. Assim, consegue compor, ao lado da sucinta biografia, o compêndio das apostilas e anotações das aulas de Farmacologia e Terapêutica do insigne mato-grossense.

Vista desta forma, as narrativas de Pereira Leite são descrições simples de complexos momentos históricos e, principalmente, dos resultados da pesquisa sobre aspectos culturais da cidade de Cáceres, na perspectiva da genealogia familiar, portanto, olhar subjetivado pelo papel da memória. Ao tratar das personagens que deram vida à Fazenda Jacobina, a memória é o artifício de ligação entre os fatos e a escrita.

A trilogia, então, é uma síntese do esforço de autoconhecimento e de conhecimento do outro, representado pela tentativa de recuperação da história. Nesses casos, as personagens ligam a memória à questão da identidade social, compreendida aqui com apoio das concepções de Michel Pollack (1992), a partir do pressuposto que, tanto a história, quanto a literatura parecem encontrar um ponto de referência na tessitura do discurso construído sobre uma cidade, cujas origens estão nos Setecentos.

O aparato de composição fica entre o espaço cenográfico e a história contada como fenômenos que contribuem para a construção da narrativa. Ao reinventar os fatos pela perspectiva da memória, imprime olhar individualizado que particulariza um tempo histórico, uma parcela da memória, uma imagem continuamente construída pelas sensações e pelo exercício de olhares: dos biografados e do narrador.

Entre os documentos históricos transcritos e recriados e a descrição, em alguns pontos, poética, recuperam-se aspectos estéticos que historicizam uma fase da história de Mato Grosso. O olhar particularizado constrói sensações e diferenças significativas entre os recursos descritivos e o universo particular maximizado pelas personagens em relevo. O conjunto orgânico assumido pela Trilogia pressupõe o propósito de ligar os elementos da obra num todo que simboliza a forma como Pereira Leite pretendeu pensar uma parte da história cacerense.

Referências

- COSTA E SILVA, Paulo Pitaluga. *Estudo bibliográfico da história, geografia e etnologia de Mato Grosso*. Cuiabá: CCS, Ed. Gráfica, 1992.
- FLORENCE, Hercules [1875]. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825-1829*. Tradução de Visconde de Taunay. São Paulo: Cultrix/Ed. USP, 1977.
- FREYRE, Gilberto. *Contribuição para uma sociologia da biografia: o exemplo de Luiz de Albuquerque governador de Mato Grosso no fim do século XVIII*. Cuiabá: Ed. da Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978.
- KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária: introdução à ciência da literatura*. 7 ed. Coimbra: Armênio Amado, 1985.
- LEITE, Luis-Philippe Pereira. *O engenho da estrada real*. Cuiabá: ETF, 1976.
- _____. *Vila Maria dos meus maiores*. Cuiabá: Ed. do autor, 1978.
- _____. *O médico da Jacobina*. São Paulo: Resenha, 1978.
- _____. *Vilas e fronteiras coloniais*. Cuiabá: Ed. do autor, s/d.
- MENDES, Natalino Ferreira [1973]. *História de Cáceres: administração municipal*. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2009.
- NORA, Pierre. *Entre mémoire e histoire: la problématique des lieux*. In: G. Lipovestkl. *L'ère du vide*. Garnier. Flammarion, 1984.
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: Estudos históricos, v. 5, n. 10, 1992 (200-212).
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle (Visconde de Taunay). [1891]. *A cidade do ouro e das ruínas*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Publicação avulsa. N. 21., 2001.
- Universidade Federal de Mato Grosso. *Fundação de Vila Maria: Cáceres*. NDHIR/UFMT, 1978.